

prisões e escritas de caber e não caber em si | salete oliveira*

Heleusa Figueira Câmara. *Além dos muros e das grades (discursos prisionais)*. São Paulo, EDUC, 2001, 278 pp.

Ler, por vezes, é gostoso, por vezes, é demasiado árduo. Ler deslumbrantes dissertações e teses, aquelas escritas do fundo do coração, é raro. Ler um livro exuberante, *aquele que nos pega*, é gostoso demais. Ler Heleusa Câmara, ser pego por seu *Além dos muros e das grades (discursos prisionais)*, sua dissertação de mestrado tornada livro, é um acontecimento daqueles que decoramos — decorar é guardar com o coração — nas zonas próprias às delícias e convulsões experimentadas. Afinal, é disto que o livro trata: cada um saber “a dor e a delícia de ser o que é”.

Partir deste ponto de vista é se descobrir, enquanto leitor, diante de um escrito abolicionista. Gesto presente, já, na apresentação do livro feita por Edson Passetti, orientador da dissertação, ao explicitar os efeitos de um trabalho atravessado pela escolha em lidar com a análise genealógica de Michel Foucault “não somente por nossa admiração por seus escritos, mas porque os autores estudados recriavam pela escrita a própria prisão ou pela invenção da escrita suprimiam a penalização. A genealogia é cinza, dizia Nietzsche, repleta de luminosidades, silêncios, procedências diversas que nos libera de finalidades. O escrito de Heleusa é assim, abolicionista penal ali onde ainda não se tem sensibili-

* Doutora e pesquisadora no Nu-Sol, professora na Faculdade Santa Marcelina e professora-pesquisadora no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência Sociais da PUC-SP pelo PRODOC-CAPEES.

dade auditiva para ouvir o seu começo. Durante dois anos, não só estudamos muito como penso que Heleusa tenha produzido, com sua jovialidade de senhora já avó, um dos mais belos livros sobre a prisão no Brasil” (p.16). Não à toa o trabalho de Heleusa Câmara foi escolhido para publicação por ser considerado, pela Comissão de Pós-Graduação da PUC-SP, a melhor Dissertação de Mestrado do ano de 1999.

A diferença emocionante deste livro, e que o faz abolicionista, habita no fato de que ele se distingue de tantos outros que abordam o tema da prisão para fazer dela um pretexto de prolongamento da teoria ou sociologia da delinquência com seus pressupostos-metas de continuidade previsíveis: prevenção geral, periculosidade, eliminação do anormal, dentre outros. Quando Heleusa se dirige aos escritos de prisioneiros não é para retirar deles exemplos ou argumentos a fim de restituir aos encarcerados sua condição de sujeito que tem direito de falar sobre as violações das quais são vítimas como melhor forma de fundamentar uma nova correção no sistema prisional aprimorando a aplicação da justiça penal.

A textura de sua escrita transpõe o toque impresso no tema, material trabalhado e naquilo que quis fazer disso e o que fez de si mesma neste percurso. O leitor é atingido por estes efeitos. Na escrita prosa-poeta de Heleusa as palavras ecoam o tom emitido de sua boca e explodem em mil papilas que a língua degusta, proliferam nos ouvidos de seu leitor, rebatendo, vibrando em fonemas reverberados em sons, sílabas, letras. Letra tornada frase. Palavras extensíssimas. Prosa que transborda.

Prosa derramada que horizontaliza escritas, escritos e escritores. Sua generosa sensibilidade fecunda os

inúmeros gestos de toque ao longo do livro, dentre eles, a sutil delicadeza que imprime aos presos-escritores escolhidos para problematizar discursos prisionais, além; aquém; no meio das grades: Rosieles Ramos Sales, morto em setembro de 1994 ao ser recapturado após sua fuga da prisão; Hélio Alves Teixeira, encontra-se em liberdade condicional; José Raimundo dos Santos, continua cumprindo pena na prisão. No corpo do texto são tratados pelo primeiro nome, Hélio, José Raimundo, Rosieles, efeito da proximidade pessoal e única de quem conviveu com estes homens em um cotidiano apartado do universo esclarecido que divide o mundo que cabe ao sujeito que conhece e aquele reservado ao objeto a ser conhecido, dissolução do equacionamento apaziguador do conhecimento-sujeito-objeto. Os sobrenomes Sales, Teixeira, Santos, nas referências das citações, indicam a escolha deliberada por tomar suas fontes sem hierarquizá-las sob o registro da autoria que pressupõe os graus de importância do grande autor vinculado a uma obra maior, atitude deliberada anti-maioridade-obra-autoria. São apenas pequenos detalhes, mas é deles e de tantos outros que o leitor inquieto, disponível à corrosão de suas cerradas ou precárias certezas acerca do confinamento, extrai sabores diversos nos quais o tema da prisão é colocado sob uma perspectiva que a problematiza de um modo diferente.

“A crença em certezas imediatas, para Nietzsche, é uma ingenuidade moral, tendendo para a luta por formação de rebanhos nivelados, querendo a universal felicidade do rebanho em pasto verde sem nenhuma periculosidade. Um rebanho obediente decorre das artes de mandar. (...) Nietzsche lembra, também, que graças a um excedente de vontade livre, podemos estar prontos para todo ofício que exija acuidade de sentidos

para todo risco. Risco que se se observa no dia-a-dia de cada um, ante a crueldade da própria vida.

Pensei em escrever e escrevi,
 Os urubus merecem e o céu também.
 Se estou louco? Não, ou melhor, quem não está?
 Uns dizem que sou certo demais,
 outros que sou louco, e é sempre assim,
 até que eu posso ser louco. Tudo bem,
 mas se sou louco, não sou lunático,
 e se sou certo, não sou exemplo.
 Sou apenas eu mesmo, falo o que me vem à boca.
 Procuo não ofender ninguém.
 Gosto de urubus, ou melhor, admiro a beleza de seus
 vôos.

Existe algum crime nisto? (Sales, 1994)” (pp. 77-79).

Prosa que transborda do leito, leitor, feito margem. Da prosa na borda que alça vôo-poeta é tecida a simultaneidade de discursos lá onde emergem inscrições anti-prisionais na exterioridade de corpos-livres, apesar do confinamento; do dentro e do fora no interior de grades-construção acatados por corpos-fronteiras aprisionados intra ou extra-muros; enfim, escritos e escritas de vestígios do como a prisão se escreve e como se inscreve a prisão.

O amálgama desta escrita-escrito-livro é forjado sob a têmpera do exercício das escritas de si, noção trabalhada por Foucault a partir de seus estudos sobre a cultura greco-romana; mais especificamente durante os dois primeiros séculos do Império. O ‘como se escreve a si mesmo’ vem se misturar, neste livro, a uma antologia de vidas infames que se imiscuem em uma possível história da prisão. “Vozes estancadas, histórias desbo-

tadas ou tingidas de sangue, e, por circunstâncias despertadas, podendo andar por outros caminhos. Foucault refletiu sobre o que restou da vida de algumas pessoas que passaram pela prisão ‘absolutamente destituídas de glória’, vislumbradas pelo esbarrão com o poder da lei, sem nada que as tornassem interessantes aos olhos dos pesquisadores, e as arrancassem das sombras que as envolviam. Prisioneiros e seus discursos-bala, ‘poemas invectivas’ percebidos, apenas, em notas infamantes registradas pelo escrivão no cumprimento de seu ofício” (p. 24).

Do arriscado caminho escolhido por Heleusa explode o efeito transversal na subversão do apaziguamento histórico sob a figura da narrativa-narrador. Já não é a própria prisão que se narra a partir da glorificação de seus documentos legais maiores, mas de palavras extensas, extenssíssimas, estancadas.

“As palavras, por mais desordenadas que se encontrem colocadas, são mais importantes para quem somos do que as nossas personalidades vagamente policiadas” (p. 190).

Prisioneiros; escritores; história-prisão escrita, reescrita, rasurada, tornada outra; submissas vontades encarceradas; vontades livres insubordináveis. Livres. Rosieles Sales sabe e escreve:

“A prisão! Que tem a prisão? Presos ou não?

Não, pois uma cela, jamais será uma prisão. Então que são esses muros,

paredes, grades e portas de ferro? (...)

Existem homens que estão na prisão, mas estão em todas as partes,

dentro ou fora da construção.

Estão na prisão do espírito, na prisão do coração.

Temor e controle social numa negra cidade

Esta é uma verdadeira prisão,
sem muros nem grades
e mais forte que qualquer construção, (...)
Pois os muros, as grades, como já falei,
são apenas simples construção' (Sales, 1994)" (p. 272).

O livro de Heleusa Câmara é um convite para ouvindo interessados em constatar o óbvio, 'para que prisão?', ali onde habita a diferença do detalhe entre caber e não caber em si.

temor e controle social numa negra cidade | thiago rodrigues*

Vera Malaguti Batista. *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 2003, 270 pp.

Das ruelas, becos e servidões malcheirosas do Rio de Janeiro do século XIX emanava também o medo. A capital do Império tropical tinha pouco de européia, de civilizada, assemelhando-se mais a uma cidade africana na qual uma minoria branca submetia com a mesma energia com que temia sua população de negros. O desenho informe da cidade era, assim, como a tomada espacial da imperfeição, da insalubridade e barbárie. Esse é o cenário tecido por Vera Malaguti Batista para a apresentação de uma tragédia muito distinta do teatro romântico e de costumes que gracejava à época: uma

* Professor e coordenador do curso de Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina e pesquisador no Nu-Sol.